

(in REYNAUD, Maria João; TOPA, Francisco; GREENFIELD, John (eds.) – *Nos Passos de Aquilino*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016, p. 181-224.)

Itinerário de uma reescrita:
Filhas de Babilónia e Andam Faunos pelos Bosques,
de Aquilino Ribeiro

Elsa Pereira
FCT (SFRH/BPD/92155/2013)
U. Lisboa / CLUL
U. Porto / CITCEM

«Alcança quem não cansa» dizia a legenda do ex-libris que Aquilino Ribeiro mandou compor em 1932, sobre um desenho de Abel Manta, inspirado em gravura do séc. XV. Não poderia ser mais sugestivo o lema deste *obreiro das letras*, cinzelador obstinado da palavra, que desde os primeiros livros revelou uma inconformada obsessão pelo aperfeiçoamento das suas narrativas, escusando-se a encerrá-las num invólucro definitivo.

Ao longo de várias edições, são muitas e profundas as mudanças introduzidas pelo autor, dando corpo a um trabalho artesanal, que o próprio definiu, de modo particularmente feliz, no prefácio ao romance *Andam Faunos pelos Bosques* e, depois ainda, na «Nota Preliminar» à 5.^a edição de *Jardim das Tormentas*. Aí Aquilino comparava o ofício de escrever ao dos jardineiros, que pegam do podão e do sacho (1961: 15) e «enxertam, podam, corrigem» (1926, p. X), tal como os camponeses da Beira «viviam e morriam no sonho de converter chavascais em floridos vergéis» (1926: XI). Referindo-se mais tarde à insatisfação que o levava a burilar, ao longo de várias reedições, os contos do seu livro fundador, diria ainda:

De edição para edição o meti ao torno e aperfeiçoei. Quem quiser seguir a evolução dum estilo, ou melhor, quiser estudar a técnica literária em processos evolutivos, consulte estas corrigendas sucessivas, que encerram o mais acabado e inquieto dos escoliastes (1955: 27).

Ora, é justamente sobre estes itinerários de (re)escrita que se debruça a chamada *filologia de autor* (nomeadamente a *critica delle correzioni*, da tradição italiana, e a *critique génétique*, da escola francesa), e é também um pouco essa leitura – tão relevante em várias obras deste autor – que propomos aqui esboçar, de modo abreviado, para dois dos seus volumes ficcionais: *Filhas de Babilónia* e *Andam Faunos pelos Bosques*.

Naturalmente que um estudo aprofundado exigiria cotejo sistemático de todos os testemunhos textuais envolvidos, sobretudo os manuscritos e dactiloscritos (que compõem o *antetexto*¹ não só da primeira edição, como também de reelaborações posteriores). Na impossibilidade porém de o fazer, neste trabalho de pequena envergadura, limitar-nos-emos a analisar o processo de reescrita, tal como ele se apresenta ao longo das várias versões que o autor foi sucessivamente publicando, ora na imprensa periódica, ora de edição para edição, ou mesmo – como veremos – de livro para livro.

Serão pois excluídas neste trabalho as ocorrências de variação que se confinam ao domínio privado da escrita, centrando-nos apenas nas alterações que foram objeto de socialização, através da estampa. Embora distinguindo-se das *variantes genéticas*² (porventura as mais interessantes, para a análise dos processos criativos de Aquilino), estas sucessivas revisões dadas a lume surgem ainda como caminhos abandonados, num trabalho de aperfeiçoamento que caracterizou a globalidade da Obra aquiliniana e que, nos livros em apreço, obrigará a percorrer um arco temporal de cinquenta anos, de modo a compararmos as várias versões dadas a lume.

No caso de *Filhas de Babilónia*, as duas primeiras edições, publicadas em 1920, apresentavam-nos um volume composto por três novelas: «Os olhos deslumbrados (Caderno dum voluptuoso)» (pp. 3-103) – que retomava o conto «Caderno dum Libertino», originalmente publicado na revista *Atlântida*, a 15 de dezembro de 1916 –, «Maga das ruas» (pp. 107-212) e «O derradeiro fauno» (pp. 215-355). A partir da terceira edição, o autor introduz todavia uma série de alterações mais ou menos profundas, dando origem ao surgimento de uma nova obra.

¹ O termo foi forjado por Jean Bellemin-Nöel, para designar «l'ensemble constitué par les brouillons, les manuscrits, les épreuves, les variantes, vu sous l'angle de ce qui précède matériellement un ouvrage, quand celui-ci est traité comme un *texte*, et que peut faire système avec lui» (Bellemin-Nöel, 1972: 15).

² Entre os vários tipos de variantes textuais, distinguiríamos com Burghard Dedner (2006, p. 15): «source-text variants [...], genetic variants (changes prior to the first publication), version variants (changes in different printings of the same work) and transmission variants (changes mostly occurring after the authors death)».

Assim, na versão publicada em 1925, (além de reescrever a dedicatória a João de Barros e reproduzir em posfácio uma recensão de Câmara Reis ao *Jardim das Tormentas*³), Aquilino opta por incluir no seu livro apenas duas novelas: «Os olhos deslumbrados» (já sem subtítulo – pp. 7-176) e «Maga» (com o título original encurtado – pp. 179-289). Deste modo se manteve nas quatro edições vindas a lume em 1925. O cancelamento da terceira novela ficaria explicado no ano seguinte, com a publicação do romance *Andam Faunos pelos Bosques* (1926), que empreendia uma integral reescrita de «O Derradeiro Fauno», recorrendo sobretudo a mecanismos amplificadores e de reordenação. Sob a forma de romance, esta última narrativa haveria ainda de observar novas mudanças, em duas reedições monitorizadas por Aquilino: a de 1931 e de 1962.

Por sua vez, a última edição de *Filhas de Babilónia* que foi publicada sob o controlo do autor (1959) haveria de introduzir um inédito – «Frustração», pp. 235-343 –, ao mesmo tempo que continuava a aprofundar as alterações iniciadas em 1925, para as duas novelas anteriores.

Atentemos agora, um pouco mais detalhadamente, em cada um desses textos, periodicamente submetidos a processos de reescrita.

«Os olhos deslumbrados»

Sobre a novela inaugural do volume *Filhas de Babilónia*, começemos por notar que uma versão preliminar deste texto viera originalmente a lume no n.º 14 da revista *Atlantida*. Datado de «Paris, novembro de 1913», o pequeno conto de dez páginas intitulava-se «Caderno dum libertino» e apresentava-se como uma narrativa homodiegética, relatando a viagem de comboio que o narrador empreendera entre a estação espanhola de Freixeneda (nessa altura, término do semidireto do Douro, vindo do Porto) e a capital francesa.

São profundas as diferenças que separam este pequeno conto, publicado em 1916, da novela que aparecerá incluída em livro, quatro anos mais tarde.⁴

Começando no *incipit*, o texto da revista *Atlantida* abre com um encontro, ainda na estação dos caminhos-de-ferro, entre o narrador e um casal flamengo (pai e filha), que irão partilhar a mesma cabine do comboio (1916: 129-131). Por

³ Esta crítica havia sido originalmente publicada na *Luta*, a 11 de abril de 1914.

⁴ Observa-se aqui algo de semelhante ao que Pierre-Marc de Biasi anotou, a propósito das obras de Flaubert: «the edition of the work in pre-first publication form in the press can simultaneously constitute the conclusion by publication of one textual stage, and the starting-point (pre-compositional) of the *avant-texte* of a much more significant new version, which will end in the publication of the work in book form: a published novella could for example turn into the initial scenario of a vast novel. But would we still then be talking about the same work?» (Biasi, 1996).

outro lado, na novela de 1920, pai e filha são apresentados como naturais do Porto, indo na altura em viagem a Montmercy (1920: 28). O encontro na estação surge apenas reportado em *flashback*, em momento posterior da narrativa (1920: 6), iniciando-se a novela já com o comboio em andamento, por terras de Castela.

Ainda do ponto de vista estrutural, outras diferenças importantes separam este texto embrionário das versões depois desenvolvidas em livro. Além de uma significativa divergência no uso dos tempos verbais – que em 1916 surgem vertidos no Passado, enquanto a novela de 1920 adotará o sistema do Presente –, ressaltamos ainda o recurso a um mecanismo gráfico, usado no conto, de forma a omitir momentos de pausa, com grande economia narrativa. Referimo-nos ao emprego de uma linha reticente, que em seis momentos do texto permite condensar a ação, introduzindo-nos diretamente nos diálogos caracterizadores de cada uma das personagens.

Também a este nível sobressaem diferenças importantes entre o conto de 1916 e a novela de 1920. No pequeno texto da revista *Atlantida*, o pai surge como um rude e desprezível empreiteiro de obras, ao passo que, na novela, será condescendentemente descrito como «um bom homem» (1920: 29), «arquitecto ignorado ou ignorante» (1920: 29) «que não soube vencer» (1920: 15). A menina, por sua vez, mantém a caracterização «suave» (1916: 132), despertando a atração do narrador, cuja concupiscência era já dissecada em 1916, mas é depois aprofundada, a partir da edição de 1920, com o recurso a tonalidades psicológicas mais densas e subtis.

Mais flagrante é todavia a diferença apresentada no desenlace, na medida em que a narrativa de 1916 encerra bruscamente com um acidente ferroviário, que atira a jovem nos braços do predador. A novela de 1920 tomará um rumo radicalmente diferente, com o narrador a ludibriar a jovem e a despedir-se dela no Quai d'Orsay, para logo regressar aos braços da amante parisiense que o espera.

Significativo será, em todo o caso, que o pequeno conto de 1916 encerre as suas últimas linhas com uma sentença, que haveria de servir depois como mote geral ao livro que Aquilino sugestivamente intitulou de *Filhas de Babilónia*: «A natureza criadora queria vingar-se da natureza que mata» (1916: 138). Dito de outro modo: a livre consumação dos instintos, que se opõe à rigidez castradora da moral vigente. É esta a tese que irá presidir a todo o volume de 1920, mas de modo específico também à sua primeira novela – «Os olhos deslumbrados (Caderno dum voluptuoso)» (1920: 3-103) – cuja reescrita, ao longo de sucessivas edições, iremos analisar de seguida.

Ao todo, são sete as edições de *Filhas de Babilónia* que se publicaram com a supervisão do autor: duas em 1920, quatro em 1925 e uma em 1959. No caso da primeira novela – agora em apreço – acresce ainda um opúsculo, distribuído pelo *Diário de Lisboa* no natal de 1955, mas que constitui um *codex descriptus* sem interesse testemunhal, na medida em que se limita a reproduzir, com várias corruptelas, o texto de 1925.⁵

Dispondo as oito edições num cotejo sistemático que culmina na última publicação revista pelo autor – também designada como *edição definitiva*⁶ – podemos no entanto reconhecer três versões diferentes, concentrando-se as diferenças mais relevantes na passagem de 1920 para 1925.⁷ Isso mesmo começava por observar o autor, na dedicatória a João de Barros que abre a terceira edição de *Filhas de Babilónia*:

Singelamente, como nos oratòrizinhos do Lácio votados aos deuses sorridentes da amizade, inscrevi o seu nome no dintel dêste livro impresso não há grandes anos. A uma tiragem sucedera outra, e eu cada vez me sentia mais repêso de o ter lançado ao mundo, temporão e com achaques. Proporcionando-se-me agora o ensejo de metê-lo de novo ao banco, intentei com mão rápida, ainda que severa, corrigi-lo daquelas entorses que até a meus olhos paternais pareciam aleijões graves. Desprezando fascículos inteiros e ajuntando páginas novas, foi empenho meu reforçar numa das novelas a análise psicológica do envelhecer – análise unilateral, confesso-o de antemão – e pôr uma tinta mais suave nos “estudos de mulher”, como se diz na arte de pintar (1925: 3).

Aí se referia Aquilino às alterações introduzidas particularmente nesta novela, as quais apareciam insinuadas logo a partir do título e na organização geral da narrativa:

⁵ Vd. na bibliografia, Ribeiro: 1955. Esta curiosa raridade bibliográfica padece de numerosos erros tipográficos e falhas na transcrição do texto (autorizada pelo autor e pela Bertrand, segundo informa uma nota final), a partir das edições de 1925. A título ilustrativo, indicamos apenas alguns exemplos: “de Outono” (por “do outono”), p. 3; “aparece com” (por “aparece como”), p. 4; “de que” (por “do que”), p. 6; “enovadas” (por “renovadas”), p. 6; “unha” (por “unhas”), p. 7; “lírís” (por “lírío”), p. 7; etc.

⁶ Embora caída em desuso e vista com alguma desconfiança, preferimos, apesar de tudo, esta expressão à mais problemática *ne varietur*, na medida em que a última pressupõe «uma proteção legal extraordinária [...] com o objectivo de a partir dela não haver reutilização do texto submetido a modificações» (Dionísio, 2011: 201, 203).

⁷ Sobre o conceito de *versões* ou *Fassungen*, vd. Zeller, 1975. Uma nova versão surge quando a revisão autoral dá origem a um novo sistema. No caso em apreço, optámos por agrupar as edições (textual e graficamente) coincidentes em três versões diferentes, embora entre as duas últimas exista «a certain relatedness between [variants, because ...] the intention of the author and the concept of the work remain the same» (Zeller, 1975: 239). Para um enquadramento mais amplo desta questão, vd. Shillingsburg, 1997: 84-91.

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
Título: <i>Os olhos deslumbrados (Caderno dum voluptuoso)</i>	Título: <i>Os olhos deslumbrados</i>	Idem
É constituída por X capítulos.	É constituída por VIII capítulos.	Idem
pp. 15-16 – Quebra de capítulo entre II e III.	p. 42 – Cancela a quebra de capítulo.	p. 37 – Idem
pp. 48-49 – Quebra de capítulo entre V e VI.	p. 79 – Cancela a quebra de capítulo.	p. 66 – Idem
	pp. 89-109 – Acrescenta um capítulo novo, identificado como V.	pp. 75-90 – Idem
pp. 88-89 – Quebra de capítulo entre IX e X	p. 163 – Cancela a quebra de capítulo.	p. 131 – Idem
Os capítulos não abrem com qualquer epígrafe.	Inicia cada capítulo com uma epígrafe, citando obras emblemáticas da literatura ocidental: I – <i>Dialogi di Amore</i> , Leone Hebreo; II – <i>Guzman de Alfarache</i> , Mateo Aleman; III – <i>El Criticon</i> , Lorenzo Gracian; IV – <i>Esperança Engañada</i> , Manoel Fernandez Raya Luzitano; V – <i>Várias Poesias</i> , Fr. Agostinho da Cruz; VI – <i>Rimas</i> , Luís de Camões; VII – <i>Oeuvres</i> , Clément Marot; VIII – <i>Rime</i> , Michelangelo Buonarroti.	Idem

Temos, no entanto, de fazer um levantamento sistemático das modificações empreendidas ao longo das três versões, para poder particularizar o tipo de variação textual ocorrida, procurando, a partir de aí, analisar a sua pertinência, tanto ao nível do conteúdo, como da expressão.

Assim, haverá que identificar um primeiro conjunto de mudanças superficiais, que podemos situar ao nível lexical e sintático, traduzindo essencialmente preocupações de ordem formal e estilística. Além de pequenas atualizações de pontuação ou grafia,⁸ cabem neste primeiro nível a substituição de nomes e artigos, o apuramento de adjetivos e predicativos, o aperfeiçoamento sugestivo das estruturas comparativas enfáticas, a alteração de formas verbais, a troca de advérbios, a reordenação de elementos da frase, a eliminação de repetições anafóricas, e uma série de outros exemplos, envolvendo tanto a forma como o conteúdo.

Curioso será ainda notar que essas alterações podem ter sentido progressivo (culminando de edição para edição), mas também de *retorno*⁹ (quando, em 1959, se recuperam formulações usadas em 1920, mas entretanto abandonadas em 1925):

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
	p. 9 – “o azemel; em tórno”	p. 12 – “a azêmola. Em torno”
	p. 33 – “bondade”	p. 30 – “simpatia”
	p. 19 – “cuidados”	p. 20 – “desvelos”
p. 5 – “sentir-lhes o vôo sobre nós”	p. 12 – “sentir-lhes a carícia aveludada”	p. 15 – idem
p. 51 – “E se houvesse alguma vez de dormir com esta poldra deliciosa”	p. 80 – “E se houvesse alguma vez de repousar ao lado desta cabecinha deliciosa”	pp. 67-68 – idem
p. 33 – “Nem ela te alcança, nem tu a podes esperar.”	p. 51 – “Nem te alcança, nem a podes esperar.”	p. 44 – “Nem ela te alcança, nem tu a podes esperar.”
p. 3 – “e seu”	p. 7 – idem	p. 11 – “e o seu”
p. 4 – “um corvo”	p. 8 – “o corvo”	p. 11 – idem
p. 4 – “um herói”	p. 10 – “herói”	p. 13 – idem
	p. 79 – “este alinhio imperturbável e ordenação complexa”	p. 66 – “o alinhio e ordenação”

⁸ A título ilustrativo, anotem-se, na edição de 1959, alguns exemplos de atualização ortográfica, ditada pelo Acordo Ortográfico de 1945: “tórno” > “torno”, “tôdas” > “todas”, “teem” > “têm”, “quasi” > “quase”, “outono” > “Outono”, etc..

⁹ Recorremos a um termo usado por Ivo Castro, para referir a operação de escrita que consiste numa «substituição que se arrepende e recua até ao ponto de partida» (Castro, 2007: 79).

p. 64 – “miguelista”	p. 122 – “legitimista”	p. 99 – “liberal”
p. 3 – “douradas”	p. 8 – “de latão”	p. 11 – “amarelas”
p. 5 – olhos “floridos”	p. 12 – olhos “cometedores”	p. 15 – idem
p. 5 – “grande regalo”	p. 12 – “regalo mais que imaginativo”	p. 15 – idem
p. 12 – “capitosa pureza”	p. 22 – “pureza de lírio”	p. 22 – “capitosa pureza”
	p. 31 – “mantilha especiosa”	p. 29 – “mantilha dolosa”
	p. 72 – “idea ascética”	pp. 61-62 – “ideia miseranda”
	p. 47 – “solidário e social”	p. 41 – “solidário e fraterno”
p. 16 – “dobaram já e nada”	p. 31 – “dobaram umas após outras e nada”	p. 29 – “dobaram, relampejantes e irreconhecíveis, umas após outras, e nada”
p. 7 – “a frente em vasta meia lua”	p. 13 – idem	p. 16 – “frente que já está para lá da vasta meia lua”
p. 6 – “rescendente e formosa”	p. 13 – “jucunda, apetitosa, mas tão longe das minhas possibilidades como uma prémula do inverno”	p. 15 – “jucunda, apetitosa, mas tão longe de mim como uma prímula está dum dia de Inverno”
p. 5 – “seus olhos – estorninhos trejeitando na neve”	p. 12 – “seus olhos, de íris tão preta, que lembram estorninhos brincando na neve”	p. 15 – “seus olhos, de íris tão preta, que nem dois estorninhos a brincar na neve”
	p. 19 – “escorregando nas paredes como lagartas em procissão”	p. 20 – “escorregando nas paredes como lagartas duma couve galega depois de devoradas as folhas”
	p. 7 – “vejo”	p. 11 – “estou a ver”
	p. 7 – “sinto”	pp. 16-17 – “estou a sentir”
p. 25 – “murmurou”	p. 43 – “murmura”	p. 38 – idem
p. 25 – “ordenava-se”	p. 44 – “ordena-se”	p. 38 – idem
p. 26 – “dera”	p. 44 – “dá”	p. 39 – idem
p. 27 – “vive em”	p. 46 – “Reside em”	p. 40 – idem
p. 63 – “e ela corou”	p. 121 – idem	p. 99 – “e os cílios tremeram-lhe”
p. 36 – “leve penugem infantil aloira ainda”	p. 55 – “leve penugem infantil branqueja ainda”	p. 47 – “leve penugem infantil refulge ainda”

p. 5 – “baixo a vista, condescendente,”	p. 12 – “baixo a vista hipocritamente”	p. 15 – “desloco a vista hipocritamente”
p. 6 – “com os rins”	p. 13 – “à força de rins”	p. 15 – idem
p. 4 – “ali só”	p. 8 – “nesta terra apenas”	p. 12 – idem
	p. 9 – “lá vai”	p. 13 – “vai”
p. 4 – “Só o rolar do infinito sôbre o infinito terá”	p. 8 – “Só infinitos rolando sôbre infinitos teem”	p. 11 – “Só infinitos rolando sôbre infinitos têm”
p. 16 – “Muitas estações, muitas léguas”	p. 31 – idem	p. 29 – “Muitas léguas, muitas estações”
p. 10 – “As <i>houses</i> foram renovadas”	p. 20 – “Foram renovadas as <i>houses</i> ”	p. 21 – “As <i>houses</i> foram renovadas”
	p. 12 – “passeantes que abrem o passo”	p. 15 – “viajantes que abrem o passo”
	p. 7 – “Ainda ouço e ainda vejo”	p. 11 – “Ainda ouço e estou a ver”
p. 27 – “em Paris, em Berlim, em Veneza”	p. 46 – idem	p. 40 – “em Paris, Berlim, Veneza”
pp. 34-35 – “os trinta e cinco anos começavam a pesar como trinta e cinco robles vindos de Noé”	p. 54 – “os trinta e oito anos começavam a pesar como outros tantos robles vindos de Noé”	p. 45 – idem

Este contínuo *labor limae*, que assenta na função metalinguística, pode implicar ainda o acrescento ou supressão de frases inteiras, bem como a reescrita de orações, normalmente com o objetivo de reforçar tonalidades plásticas ou matizes subjetivos de maior densidade psicológica:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
	p. 60 – □	p. 50 – “Afinal, todas que amei de verdade cabem na minha recordação como numa só página de agenda.”
p. 4 – “Nem moita, nem casal. É uma sala de bailar dos ventos. O combóio espalha o arfar de quem foge com mêdo.”	p. 9 – “Nem moita, nem casal. É uma sala de bailar dos ventos. Até a locomotiva espalha do seu flanco robusto um arfar de mêdo.”	p. 13 – “Nem moita, nem casal. Lá estarão as alcateias, mas não se ouvem uivar. Até a locomotiva espalha do seu flanco robusto um arfar de medo.”
p. 23 – “O combóio	p. 42 – “Entorpeceu o	p. 37 – “Entorpeceu o

entorpecera. Via decorrer os minutos, longos”	comboio e os minutos decorrem longos”	comboio. Sai uma lufada de gente, entram os passageiros que esperavam postados à beira da linha, de malas e sacos na mão. Chegam os retardatários e amainam as fozes na <i>fonda</i> . Os minutos decorrem longos”
p. 5 – “acabaram de arrumar a complexa bagagem.”	p. 10 – “Estão ordenando, acomodando nas rêdes a complexa bagagem.”	p. 13 – idem
	p. 32 – “Deus poderoso que fêz a Espanha e levou o estandarte dos leões afrontados por tôda a terra de infiéis.”	p. 30 – “Deus poderoso que fêz a Espanha e permitiu que se dilatasse a tal ponto o seu império que nele jamais se punha o sol.”
p. 44 – “varro para sempre <i>a que foi ‘la belle Houlmière’</i> .”	pp. 72-73 – “varro para sempre a idea ascética da ‘formosa Houlmière’ com a pele cortada de gelhas para passeadouro dos germes.”	pp. 61-62 – “varro para sempre a ideia miseranda da ‘formosa Houlmière’ com a pele cortada de gelhas para passeadouro dos germes.”
	p. 57 – “Espraio olhos, às vezes, pelo porvir”	p. 48 – “Olho, às vezes, diante de mim, pelas embaciadas perspectivas do futuro”

Correspondem estas alterações mais cirúrgicas a um acentuado esmero redacional que, sendo admirável num escritor tão prolífico, é apesar de tudo frequente, em obras sujeitas a várias reedições. O que será curioso observar na escrita de Aquilino – e nesta novela em particular –, é todavia o facto de os mais significativos lugares variantes, na passagem à segunda e terceira versões da novela, extravasarem o mero plano vocabular ou sintático, para se situarem ao nível macrotextual. Aproxima-se, neste ponto, de autores como Raul Brandão, cujas obras foram também objeto de refundições profundas, ao longo de sucessivas edições.¹⁰

De uma maneira geral, estas alterações assentam pois em mecanismos amplificadores do discurso (i.e. no acrescento ou desenvolvimento de grandes

¹⁰ A este propósito, vd. Reynaud, 2000.

blocos textuais), podendo ocasionalmente contemplar também mecanismos de supressão, deslocamento e reescrita de passagens mais ou menos extensas.

Atentemos nalgumas dessas ocorrências:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
pp. 4-5, “A planície e o trem esgalgam-se [...] de quem foge com medo.” – descreve sumariamente a paisagem exterior, rasgada pelo comboio.	pp. 8-9, “A máquina esgalga-se [...] um arfar de medo.” – reescreve e amplia este bloco textual, para desenvolver a descrição da paisagem, perspeticuada a partir do comboio em andamento.	pp. 12-13 – idem. Introduce apenas pequenos retoques ao nível microtextual.
pp. 4-5, “Se não com medo, mais melancólico que um herói no exílio, entro para a carruagem.” – refere sumariamente a entrada do narrador na carruagem.	p. 10, “Hostilizado pela nudez [...] nobre descampado.” – acrescenta um pequeno bloco textual, para descrever um velho passageiro espanhol, que o narrador encontra à entrada da carruagem.	p. 13 – idem
p. 5, “Os passageiros, que na aduana socorri com a minha ciência das sete partidas, acabaram de arrumar a complexa bagagem.” – refere sumariamente a presença do pai e filha que serão seus companheiros de viagem.	p. 10, “Ao retomar o lugar, encontro a menina [...] imagem do paraíso.” – acrescenta uma descrição angelical da moça.	pp. 13-14 – idem. Introduce apenas pequenos retoques ao nível microtextual.
p. 5, “O papá, de boné [...] vez de consulta.” – breve descrição física do pai.	pp. 10-12, “O papá cavalgou perna [...] inexoravelmente as mesmas.” – reescreve e amplia a descrição física do pai, com o objetivo de aprofundar a sua caracterização psicológica.	p. 14, “O papá cavalgou perna [...] até o fim do mundo.” – idem. Prossegue ainda no aperfeiçoamento desta descrição.
p. 7, “Baldado esforço [...] primeiro passo da	p. 13-15, “Como são inocentes [...] desde que o	pp. 16-17 – idem

<p>derrota.” – breve autocaracterização do narrador homodiegético.</p>	<p>mundo é mundo.” – reescreve e amplia a caracterização psicológica do narrador, a partir da sua própria descrição física.</p>	
<p>pp. 6-7, “pelo halo de características [...] gravata adrede desdenhada” – breve descrição da indumentária do narrador.</p>	<p>Suprime esta descrição da sua indumentária.</p>	<p>Idem</p>
<p>pp. 8-9, “Nas vidraças [...] riquezas de Pedro Cem.”</p>	<p>pp. 16-18, “Com a ponta da braceira limpo a vidraça [...] riquezas de Pedro Cem.” – reescreve e amplia um grande bloco textual, para particularizar a descrição da paisagem e projetá-la na subjetividade do narrador, através de uma alucinação ótica.</p>	<p>pp. 18-19 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.</p> <p>p. 18 – elimina uma passagem introduzida em 1925, por pintar a mata de pinheiros bravos com cores demasiado fantasmagóricas.</p>
<p>pp. 9-10, “Um... dois... três letreiros [...] fechá-lo dentro, o libidinoso!” – faz a transição da paisagem exterior para o interior do comboio.</p>	<p>pp. 19-21, “Um, dois, três, nove letreiros [...] E se assim não é, devia ser.” – reescreve e amplia este bloco textual, de modo a particularizar a alucinação ótica do narrador, perante o cenário interior do comboio. Acrescenta algumas divagações, com que o narrador procura entreter os sentidos, de modo a fugir à volúpia inspirada pela presença da jovem.</p>	<p>pp. 20-21, “Um, dois, três, nove letreiros [...] E se assim não é, fica-o a dever.” – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.</p>
<p>p. 15</p>	<p>pp. 28-29, “Anoiteceu [...] para lá das quatro paredes que nos levam” – introduz este bloco textual, para acrescentar mais um relance sobre a paisagem, que vem cortar</p>	<p>pp. 27-28 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.</p>

	o fluxo da divagação interior, em que o narrador se encontra absorto.	
pp. 12-13, “Não me lembro bem [...] formação e consumpção.” – o narrador procura encontrar, na jovem que tem diante de si, algumas reminiscências das mulheres que cruzaram a sua vida.	pp. 22-26, “A linha <i>mater</i> do seu rosto [...] formação e consumpção.” – reescreve e amplia este longo bloco textual, particularizando a aproximação da jovem às várias amantes do narrador, sobretudo Maria Paula.	pp. 23-26 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.
pp. 16-17, “Quatro pessoas instalaram-se [...] E passei.” – menciona brevemente a entrada de quatro novos passageiros.	pp. 31-33, “Em Bogajo [...] cômодamente abstraio dêle.” – reescreve e amplia este bloco textual, para descrever com mais pormenor a entrada, na carruagem, de três mulheres e um eclesiástico.	pp. 29-31 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.
p. 17, “Viajo só com ela [...] desbarretando a figura velazquenha” – o narrador procura abstrair-se da presença de outros passageiros.	pp. 33-34, “Viajo só com ela [...] graça do senhor” – reescreve e amplia este bloco textual, para descrever a alucinação erótica que a presença da jovem provoca na imaginação do narrador, entrecortando os seus devaneios com intermitências da paisagem exterior.	pp. 31-32 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.
pp. 18-20, “Lá entra um homem [...] Por isso os detesto.” – descreve a chegada de um passageiro inglês, que se interpõe entre o narrador e a jovem.	pp. 36-40, “Lá entra um homem [...] Por isso os detesto.” – reescreve e amplia este grande bloco textual, acentuando a animosidade que o inglês inspira no narrador. Faz também entrecortar a descrição do passageiro	pp. 32-35 – idem. Introduz apenas pequenos retoques ao nível microtextual.

	com a própria marcha do comboio.	
pp. 44-45, “Este combóio tem uma estrutura [...] vinculado a um canal.” – descreve a engrenagem do comboio.	pp. 74-75, “Que o combóio tenha [...] vinculado a um canal.” – amplia este bloco textual, para precisar a descrição do comboio em andamento.	p. 63 – idem. Introduce apenas pontuais retoques ao nível microtextual.
p. 32	p. 51, “Saltos, balanços [...] dulcíssima criança.” – acrescenta esta pequena passagem, para descrever o sobressaltado despertar de uma das passageiras que, por um breve momento, vem interromper o enleio do narrador e as fantasias despertadas pela jovem que tem diante de si.	p. 44 – idem
p. 37	pp. 56-66, “Em tão verdes anos [...] cheia de graça e cometedora.” – introduz um longo bloco textual, de teor divagante, para contrapor à puerilidade de Genoveva a longínqua juventude do narrador (agora substituída por uma velhice depravada de D. Juan, colecionando conquistas, na vã esperança de que esse elixir lhe restitua o vigor da idade).	pp. 47-55, “Nestes seus verdes anos [...] cheia de graça e cometedora.” – idem. Introduce alguns retoques ao nível microtextual.
p. 40, “Por muito tempo [...] meu pensamento tresvariou.” – inicia o capítulo imediatamente com as divagações do narrador.	p. 69 – idem	p. 59, “Por muito tempo [...] meu pensamento tresvariou.” – amplia este pequeno bloco textual, introduzindo, antes da nova sequência de divagações, um momento de conversação, entre o

		narrador e os companheiros de viagem.
p. 48 – termina o capítulo ainda com a descrição do comboio em andamento.	pp. 77-79, “Devoro-a com o olhar [...] docemente, ela dorme.” – introduz este bloco textual, para retomar as divagações do narrador sobre a discrepância de idades que o separa da jovem.	pp. 65-66 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual.
p. 58, “Genoveva, por entre o rebuço da mantilha, espreitava-me [...] conjuraram a não temer.” – alude brevemente ao despertar de Genoveva.	p. 88, “Genoveva acabava de despertar [...] conjuraram a não temer.” – reescreve e amplia este bloco textual, para descrever com mais precisão o momento em que a jovem desperta do sono, interrompendo a tensão interior em que o narrador se vinha debatendo.	pp. 73-74 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual.
	pp. 89-109, “A alturas de Brivesca [...] por todo o sempre!” – acrescenta todo o capítulo V, para descrever a alvorada e o progressivo estreitamento da intimidade entre o narrador e Genoveva, que vão admirando a paisagem exterior, ao ritmo amoroso dos versos de Sully Prudhomme. Introduz-se um momento de diálogo entre ambos, de onde Genoveva emerge como uma mulher interessante (e não mais a mocinha tímida e incerta das primeiras impressões).	pp. 75-90 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual.
pp. 59-60, “A minha condição é pensar [...]	pp. 111-118, “Já lá vão as garças [...] barqueiros de	pp. 91-96 – idem. Introduz pequenos

<p>pescadores de Tiberiade.” – alude rapidamente à monotonia da viagem como condição propícia à divagação.</p>	<p>Tiberíades.” – reescreve e amplia este longuíssimo bloco de divagações, motivado pela ida do narrador ao corredor e ao vagão-restaurante. Através delas, reforça-se a natureza predadora do narrador, que coleciona conquistas entre as aldeãs da sua terra natal.</p>	<p>retoques ao nível microtextual.</p>
<p>p. 65 – durante o diálogo travado com Genoveva, em que ambos vislumbram uma vida em comum, o narrador é assaltado por um fugaz pensamento cínico, logo vencido pelo embevecimento do casal.</p>	<p>p. 123, “Vou agora reconstituindo [...] sua preocupação se desvanece.” – introduz este parágrafo, para realçar o confronto psicológico em que se debate o narrador, entre o lado mais cínico e a faceta mais otimista.</p>	<p>p. 100, “Vou ruminando [...] sua face se esclarece.” – idem. Introduce alguns retoques ao nível microtextual.</p>
<p>p. 66, “Faço menção de ouvir o papá [...] perdô a insignificância.” – alude brevemente a um momento de conversação com o pai de Genoveva, de onde sobressai uma impressão de mediocridade, envolta em bondosa ternura.</p>	<p>pp. 124-135, “Numa estação [...] perdô a pouquidade.” – reescreve e amplia este longo bloco textual, para introduzir um momento de pausa. Aí se descreve uma estação onde o comboio parara, propiciando, a partir de aí, um longo diálogo sobre arquitetura e vários outros assuntos. Esta conversa, entre o narrador e o pai de Genoveva, serve para reforçar a caracterização inicial da personagem, como homem pacato, a quem se perdoa a pouquidade.</p>	<p>pp. 101-109 – idem. Introduce alguns retoques ao nível microtextual.</p>
<p>pp. 72-73, “E uma dor tão profunda [...] em que vagabundeava.” – descreve o conflito interior</p>	<p>pp. 140-142, “Punge-me uma dor profunda [...] os homens inventaram.” – reescreve e amplia este</p>	<p>pp. 113-115 – idem.</p>

<p>que se abate sobre o narrador, momentos antes da despedida, e o seu último diálogo com Geneveva.</p>	<p>bloco textual, para acentuar o conflito interior e tornar a despedida mais pungente.</p>	
<p>pp. 75-76, “Em meus poros [...] automóvel que a leva.” – o narrador despede-se dos seus companheiros de viagem no Quai d’Orsay, esgueirando-se por entre a multidão, para se esconder da amante parisiense, enquanto encaminha Geneveva e o pai para um carro. A despedida faz-se com uma promessa de “até já”.</p>	<p>pp. 145-152, “De repente ocorre-me [...] leva-me a alma.” – reescreve e amplia este longo bloco textual, para alterar a despedida dos companheiros de viagem. O narrador, astucioso, decide apelar em Austerlitz, de modo a contornar o inevitável encontro de Geneveva com a amante parisiense, no Quai d’Orsay. Com esta mudança no curso da ação, adensa-se também o conflito interior do narrador (por saber que está a ludibriar a jovem) e o dramatismo da despedida, que promete ser “até já... e para sempre”.</p>	<p>pp. 117-122 – idem. Introduce pequenos retoques ao nível microtextual.</p>

Tentando analisar as motivações – ou pelo menos os efeitos¹¹ – destas aparatosas mudanças em bloco, podemos ainda concluir que, embora modificando pontos específicos da ação, elas não alteram a sua essência, concorrendo antes para um aprofundamento descritivo da narrativa, com evidente projeção psicológica sobre o narrador homodiegético. Predominam assim as descrições (de personagens ou paisagens), que neste caso servem de pretexto à introspeção do protagonista, com a consequente fuga para o devaneio, as associações mentais e as deformações expressionistas. Ao entrecruzar a ação

¹¹ Já Prado Coelho aconselhava a crítica a confinar-se «ao domínio dos efeitos obtidos», em vez de «atribuir levemente ao autor determinado propósito. Classificar, pois, pelos efeitos mais que pelas intenções» (Coelho, 1976: 22). Ainda assim, poderá dizer-se que «the intention to *mean* is inconclusively recoverable through critical interpretation; the intention to *do* is [...] more immediately recoverable from the signs written» (Shillingsburg, 2004: 34-35).

(que já era concisa) com novos e ampliados momentos de pausa, evidencia-se portanto o caráter psicológico desta novela, pondo em relevo um contínuo debate interior, entre o lado apolíneo da razão e os instintos mais dionisíacos do ser humano.

É esta afinal a tese que serve de fio condutor a todas as novelas de *Filhas de Babilónia*, e que Aquilino Ribeiro procurou evidenciar sobretudo na reescrita de 1925, em cuja dedicatória explicitamente declarava a sua intenção autoral: «reforçar [...] a análise psicológica do envelhecer [...] e pôr uma tinta mais suave nos “estudos de mulher”» (1925: 3).

«Maga»

A segunda novela do livro tem como protagonista uma meretriz parisiense, que se apaixona por um jovem português, abandonando temporariamente a vida fácil, para se submeter às convenções de uma recatada monogamia familiar. Perante a escassez de meios e perspectivas futuras, vê-se todavia obrigada a regressar ao comércio do corpo, acabando por se unir em matrimónio a um antigo cliente, membro da Academia de Ciências Morais, conselheiro do Congresso Puritanista e autor de um aclamado tratado moral sobre o pudor e a honra feminina.

A história editorial deste texto coincide, no essencial, com a primeira novela já analisada; i.e. sete edições controladas pelo autor, que correspondem a três versões distintas, concentrando-se as alterações mais significativas na passagem de 1920 para 1925.

Mais uma vez, os lugares de variação começam por insinuar-se logo a partir do título e na própria organização interna da narrativa:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
Título: <i>Maga das ruas</i>	Título: <i>Maga</i>	Idem
É constituída por IX capítulos.	É constituída por X capítulos.	Idem
pp. 142-144, “Subsistiam, apenas [...] triste-feia dos baldões.” – passagem relativa aos últimos dias de miséria, antes da partida de Armando, surge incluída no capítulo IV.	pp. 217-226 – Acrescenta um capítulo novo (identificado como V), para onde é deslocada esta passagem.	Idem
Os capítulos não abrem com qualquer epígrafe.	Inicia cada capítulo com uma epígrafe, citando obras emblemáticas da	Idem

	literatura ocidental: I – <i>Le Testament</i> , François Villon; II – <i>Oeuvres</i> , Mathurin Régnier; III – <i>Manon Lescaut</i> , Abée Prévost ; IV – <i>A Voz da Natureza</i> , Filinto Elysio; V – <i>Márcos de Obregon</i> , Vicente Espinel; VI – <i>Terra Proibida</i> , Teixeira de Pascoaes; VII – <i>Cronica do Emperador Clarimundo</i> , João de Barros; VIII – <i>O Romance de um homem rico</i> , Camilo Castelo Branco; IX – <i>Fabliau</i> ; X [por gralha tipográfica, aparece identificado como IX] – <i>Comedia Eufrosina</i> , Jorge Ferreira de Vasconcelos.	
--	---	--

Também à semelhança do que acontece na novela anterior, é possível identificar, nas versões de 1925 e 1959, um primeiro conjunto de alterações ao nível lexical e sintático, que corresponde a um trabalho constante de aperfeiçoamento da escrita.

Por se tratar de procedimentos e fenómenos de criatividade linguística semelhantes aos já identificados em «Os Olhos Deslumbrados», limitar-nos-emos a indicar apenas alguns desses exemplos, que passam pela substituição de palavras – como nomes (incluindo nomes próprios), adjetivos e formas verbais –, mas também pela introdução de comparações mais expressivas e pela reordenação dos elementos da frase:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
p. 108 – O nome da protagonista é Paquerette.	p. 180 – A protagonista chama-se Jeanne, de alcunha Rirette.	p. 145 – idem

p. 108 – A protetora da protagonista chama-se Leo e é sua mãe.	p. 180 – A companheira da protagonista chama-se Leontina, de alcunha Lea, e rumores a davam como sua mãe.	p. 145 – idem
	p. 202 – um dos amigos íntimos de Armando chama-se “Pata-Roxa”	p. 162 – altera o nome deste amigo para “Homem-Deus”
p. 172 – “pobre coco!”	p. 253 – “Pobre amorinho”	p. 202 – “Pobre amigo”
p. 107 – “Com tão peregrinas galas”	p. 179 – “Com louçanias tão especiosas”	p. 145 – idem
p. 121 – “velhice respeitável”	p. 194 – “velhice tranquila”	p. 156 – “velhice honrosa”
p. 108 – “a regia e corrigia”	p. 180 – “teimava em regê-la e corrigi-la”	p. 146 – “teimava em regê-la e morigerá-la”
p. 109 – “Desta guisa”	p. 181 – idem	p. 146 – Com tal sistema
p. 108 – “pintor sem disciplina no pintar”	p. 180 – idem	p. 146 – “ <i>rapin de estapafúrdio pintar</i> ”
p. 113 – “casa mobilada”	p. 185 – idem	p. 150 – “ <i>maison meublée</i> ”
p. 112 – “ <i>Rato que não está morto</i> ”	p. 185 – idem	p. 150 – “ <i>Rat qui n’est pas mort</i> ”
p. 116 – “nuvens brancas”	p. 189 – “nuvens brancas, lentas e majestosas como cisnes num lago”	p. 153 – “nuvens brancas, lentas e majestosas como cisnes nos lagos”
p. 176 – “linha esguia de diácono bizantino”	p. 257 – “linha esguia de diácono copiado duma tábuá bizantina”	p. 205 – “linha esguia de diácono bizantino, <i>tête d’épervier</i> ”
p. 187 – “Marcos, deixe lá esse estafermo! Marcos, deixe lá!”	p. 267 – “Deixe-a Marcos! deixe-a lá!”	p. 213 – “Deixe-a, Marcos! Deixe lá esse estupor!”

Tal como assinalámos na primeira novela de *Filhas de Babilónia*, convém notar ainda que este nível de reformulação superficial, de âmbito mais parafrástico, pode traduzir-se igualmente no acrescento, supressão ou reescrita de orações e frases inteiras:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
p. 107 – “e seus amantes eram muitos e de qualidade.”	p. 179 – “e os amantes seriam muitos, se muitos deles não desdenhasse.”	p. 145 – “e os amantes seriam muitos, se de muitos não

		desdenhasse.”
pp. 107-108 – “A mãe, que em tempos ao rés da pavana exercera a profissão, explorava com avisado tacto a formosura da filha,”	p. 180 – “Vivendo juntas, com avisado tato se havia a velha em explorar a formosura da moça,”	p. 146 – “Vivendo juntas, afanava-se a velha com avisado tacto a explorar a formosura da moça,”
p. 147 – “A velha que empapaçara as rugas debaixo de inumeráveis cremes, e vestira a fronte de melenas à cão, narcisava ao espelho o seu remoçamento de vinte invernos.”	p. 229 – “A velha, que se barrara as rugas com inomináveis drogas e, por meio de melenas à cão, suprimia a fronte sarapintada de impigens e brotoeja, narcizava-se agora ao espelho, contente de haver vencido o tempo bárbaro.”	p. 182 – idem
p. 151 – “E apetecia-lhe, naquele sonho dum espectro, correr, gritar, desaparecer, sem mesmo sentir o desaparecimento.”	pp. 233-234 – “E o seu apetite era, naquele sonhar com o espectro, fugir dali, desaparecer da cidade, desaparecer da terra, sem mesmo sentir o desaparecimento.”	p. 186 – idem
p. 152 – “Horas depois, Paquerette toucava-se do chapéu que a dissuadira duma via nova.”	p. 236 – “Horas depois voltava Rirette ao ninho de morcego, toucada do chapéu que a dissuadira da via nova.”	p. 188 – “Horas depois voltava Rirette ao ninho de morcego, toucada do chapéu que a dissuadira da via nova e com meia dúzia de francos na algibeira.”

No entanto, as alterações mais surpreendentes e profundas são aquelas que se situam ao nível macrotextual, assentando em mecanismos de amplificação (adição ou supressão) e reordenação do texto. Este conjunto de mudanças em bloco, que se faz acompanhar de vários ajustes periféricos, cumpre aqui uma função de reforço nos elementos caracterizadores, contribuindo também para adensar a dimensão humana das personagens.

Atentemos nalgumas ocorrências:

1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	1925 (3. ^a , 4. ^a , 5. ^a e 6. ^a eds.)	1959 (7. ^a ed.)
p. 109	pp. 181, “E amealhava de	p. 146 – idem.

	grande [...] e ser honradíssima.” – acrescenta esta frase, para caracterizar Lea como uma matrona quase honorável.	
p. 109	p. 181-182, “E era feliz [...] e jamais chegava.” – acrescenta esta passagem, para acentuar o caráter sonhador da protagonista.	p. 147 – idem. Introduz pequenos retoques ao nível microtextual.
p. 111, “Num intervalo, afinal, de repouso para charangas e bailarinos, apresentou Paquerette a mana ao cavalheiro, em cujos olhos castanhos, com fugacidades de ouro, espreitava um tigre, o tigre com que às vezes sonhava e temia.” – refere desta forma concisa a primeira impressão que Armando causou junto de Lea.	p. 183-184, “Num intervalo [...] rapaz mais sedutor.” – reescreve e amplia este bloco textual, para apresentar Armando como um jovem sedutor e gentil, que conquista Lea, assim que a jovem lho apresenta.	pp. 148-149 – idem. Amplia todavia a descrição do contexto em que se dera essa apresentação.
pp. 125-126, “Para Paquerette eram estes dias [...] arrombariam a máquina até à quarta geração.” – descreve o reencontro da protagonista com as ruas buliçosas, em alturas do Natal.	pp. 198-200, “Para Rirette estes dias eram [...] arrombariam a máquina até à quarta geração.” – reescreve e amplia esta longa passagem, para descrever com mais expressividade o fascínio e a tentação que exercem no espírito da protagonista as voluptuosas montras parisienses, após um longo período de reclusão.	pp. 159-161 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual.
p. 128 – refere a entrada dos amigos de Armando na vida do casal.	pp. 202-203, “Artistas, homens de letras [...] e desconforme tragicomédia.” – acrescenta este bloco textual, para caracterizar os amigos compatriotas de Armando, que passarão a	pp. 162-163 – idem

	fazer parte do círculo de convívio da protagonista.	
p. 129, “Com o tempo e a confiança [...] da bôca morosa do amante” – descreve a licenciosa intimidade da protagonista com os amigos, na presença do amante.	p. 203 – suprime esta passagem, para conferir uma aura de recato à protagonista, durante os primeiros momentos do relacionamento.	p. 163 – idem
p. 130	p. 204, “E, pela primeira vez [...] pai forreta e nababo.” – introduz esta breve passagem, para enfatizar a inépcia de Armando em se tornar independente, perante o ultimato da família.	p. 164 – idem
p. 143, “E saíu... bateu a cem portas e tornou com alguns francos, colhidos, aqui e ali, como um andador de almas.”	pp. 218-224, “E largou, bateu a um ror de portas [...] terrinha de Murça!” – introduz este longo bloco textual, para particularizar a busca de auxílio por Armando, que acaba contraindo um pequeno empréstimo junto do compatriota Pata Roxa, apesar de este estar também falido, vivendo apenas de aparências.	pp. 173-179 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual, nomeadamente com o acrescento de frases esparsas, para ridicularizar o compatriota pelintra que concede o empréstimo.
p. 144, “Partiu um sábado de sol [...] mas uma triste-feia dos baldões.” – refere a partida de Armando, rumo à terra natal.	pp. 225-226, “Partiu num sábado de sol [...] ficava uma triste-feia dos baldões.” – amplia esta passagem com uma descrição de Paris, no momento da partida, emprestando maior dramatismo ao episódio.	p. 180 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual.
pp. 147-149, “Juntas se foram para uma taverna [...] encolheu os ombros e saíu.” – descreve a noite de deboche em que a protagonista, na	pp. 229-232, “Desceram juntas até a igreja [...] uma garbosa vénia, e rodar.” – reescreve e amplia este bloco textual, apartando as duas mulheres, rumo a	pp. 183-185 – idem. Introduz pequenos retoques ao nível microtextual.

<p>companhia da mãe, regressa à prostituição. Entrando juntas no café, a velha acaba sendo preferida por um dos homens.</p>	<p>estabelecimentos diferentes. Deste modo, a protagonista enfrenta sozinha o Café d’Harcourt, sendo a investida de um dos homens dirigida já não à mãe, mas a si mesma.</p>	
<p>pp. 150-151, “Paquette, sózinha [...] sem mesmo sentir o desaparecimento.” – dá conta da repugnância sentida pela protagonista, diante da mãe que se prostitui.</p>	<p>pp. 232-234, “Partiu êle, e só porque retirara [...] sem mesmo sentir o desaparecimento.” – reescreve este bloco textual, atribuindo a repulsa da protagonista já não à velha, mas a si mesma. Substitui-se ainda a rejeição do homem que preferira Léa (na versão anterior), pela indiferença de um jovem parecido com Armando, adensando com isso a carga emocional da protagonista.</p>	<p>pp. 185-186 – idem</p>
<p>pp. 151-152, “Leo não tardou em regressar, [...] seria obreira.” – refere-se à partida de ambas, no final da noite, com a protagonista decidida a mudar de vida.</p>	<p>pp. 234-235, “Não tinha uma camisa lavada, [...] Está bem, dorme.” – reescreve e amplia esta passagem, fazendo a protagonista regressar a casa sozinha e sem dinheiro, por oposição à velha, que assegurara dinheiro para a refeição do dia seguinte.</p>	<p>pp. 186-187 – idem</p>
<p>p. 152, “No dia imediato, [...] dissuadira duma via nova.” – dá conta do regresso da protagonista à má vida, instado pela cobiça de comprar um chapéu.</p>	<p>pp. 235-236, “No dia seguinte, [...] dissuadira duma via nova.” – reescreve e amplia esta passagem, introduzindo uma tentativa frustrada da protagonista em enveredar no mundo honrado do trabalho, antes de sucumbir novamente à</p>	<p>pp. 187-188 – idem. Introduce pequenos retoques ao nível microtextual.</p>

	vida fácil, diante de um chapéu exposto na loja.	
pp. 157-159, “«A família Matareca [...] pode ser uma porta.” – Marcos, compatriota de Armando, descreve a família deste.	pp. 241-243 – idem. Introduz pequenos retoques ao nível microtextual.	pp. 192-193 – idem. Introduz alguns retoques ao nível microtextual, acrescentando pormenores pitorescos à descrição dos Matareca, desde a casa de férias na Ericeira, aos seus ascendentes diretos.
p. 161, “«Prepare-se a dar a seu marido [...] a bênção do Senhor.” – entre os conselhos que Marcos dá à jovem, conta-se a necessidade de dar uma ninhada de filhos a seu marido.	p. 244 – suprime este bloco textual.	p. 194 – idem
p. 178, “As árvores [...] sêdas sacerdotais.” – descreve a paisagem, durante o passeio de Rirette com Marcos e o amigo pintor.	p. 259 – idem	p. 207, “As árvores [...] capa de asperges!” – reescreve a descrição da paisagem outonal, pintando-a com cores mais expressivas.
pp. 179-180, “Bastar-me-ia que o meu pincel [...] bugiganda de bazar.” – desejo proferido pelo pintor, durante o passeio pelo campo.	pp. 260-261, – idem	p. 208, “Bastava que o meu pincel [...] tornou Marcos:” – reescreve o desejo proferido pelo pintor e os termos em que se refere a Renoir e Monet.
p. 181, “– Assim penso – [...] idóneo à felicidade.” – considerações de Marcos, sobre a infelicidade do progresso.	p. 262 – idem	p. 209, “Assim penso [...] próximo da felicidade.” – reescreve esta passagem em termos mais realistas.
pp. 185-186, “Paquerette aguardava, [...] arquejante, ameaçou:” – descreve a entrada de Marcos no quarto partilhado com a protagonista, cuja aparência voluptuosa induz o amigo em	p. 266 – “Rirette aguardava, [...] brados de Rirette:” – reescreve esta passagem, suprimindo a sugestão de voluptuosidade, por parte da protagonista.	pp. 212-213 – idem. Reescreve esta passagem, voltando a incluir uma descrição da protagonista, deitada em atitude convidativa.

equívoco.		
pp. 197-211 – a protagonista escreve uma derradeira carta, comunicando ao português o seu casamento com Méritac.	pp. 275-289 – idem. Introduce alguns retoques ao nível microtextual.	pp. 221-232 – Reescreve este bloco textual, alterando o remetente. É Lea quem redige a carta, passando a narração do casamento para a terceira pessoa, com mudanças significativas em grande parte do texto.
p. 211, “Celina não levanta os seus belos olhos de mocidade de sobre mim e quere-me dizer não sei o quê, talvez que Méritac foi, é, e será <i>cocu</i> . Adeus, para sempre. A que foi <i>Paquerette</i> .” – final da carta a Armando.	pp. 288-289, “Celina não levanta [...] A que foi Rirette.” – amplia esta passagem com a citação de um poema de Clement Marot, no final da carta.	pp. 231-232, “Celina, se olho para ela, [...] com ternura: Léa de Marneff.” – altera a citação para um poema de Victor Hugo.

Como acontecera na primeira novela do livro, é pois sobretudo nas passagens de alguma ressonância psicológica – incluindo descrições de ambientes e a composição de quadros sociais e humanos – que incidem os maiores processos de reescrita, na passagem à segunda e terceira versões de «Maga». Assim se explica, por exemplo, que, nas edições de 1925 e 1959, Aquilino empreenda uma profunda reformulação do capítulo VI (dedicado ao submundo da meretrícia), reforçando com subtileza a tensão interior da protagonista e o dilema moral em que esta se debate, entre o lado mais sórdido da libertinagem e as falsas convenções sociais de honorabilidade e respeito, que se denunciam no irónico desenlace da novela.

É esta «moral complacente com as leis da vida» que domina afinal todo o livro e aparece simbolicamente cristalizada, «por localização e por ironia» (1920: I), no próprio título do volume: *Filhas de Babilónia*.

«O derradeiro fauno» e «Andam faunos pelos bosques»

A última novela que originalmente compunha o tríptico de *Filhas de Babilónia* (1920) intitulava-se «O derradeiro fauno» e desenvolvia a mesma tese da livre expansão do erotismo, contra a hipócrita e castradora moral vigente. Abrindo com uma onda de ataques que vem perturbar o quotidiano das aldeias da serra da Nave, a narrativa desenrolava-se em torno da cruzada então empreendida pelas autoridades civis e religiosas, contra o misterioso fauno que

implacavelmente desflorava as donzelas da região. Goradas todas as tentativas para lhe fazer frente, a novela terminava com a heterodoxa conversão das “escolhidas” a uma nova doutrina de louvor aos prazeres do corpo, misticamente envolta em tonalidades messiânicas.

Assim incluída na primeira e segunda edições de *Filhas de Babilónia*, a novela seria no entanto suprimida do livro, em 1925, para dar origem a um novo romance. Isso mesmo era já anunciado numa entrevista concedida pelo autor a João Ameal, que a *Ilustração Portuguesa* publicou a 17 de dezembro de 1921. Aí Aquilino referia-se aos vários projetos que tinha em mente, incluindo, entre estes, uma «*Sonata da Montanha*, ampliação do conto *O derradeiro fauno* das *Filhas de Babilónia*» (Ameal, 1921: 475).

Embora com um título diferente, esta nova obra seria efetivamente publicada em 1926 e depois revista em 1931 e 1962. O inventário dos testemunhos impressos para esta narrativa ascende assim a seis edições autorais: as duas primeiras de *Filhas de Babilónia* e as quatro primeiras de *Andam Faunos pelos Bosques*.¹²

Mantendo o enredo original, este romance correspondia na verdade a uma ampliação da obra anterior, que ao nível estrutural se traduz no acrescento de alguns capítulos:

F.B. 1920 (1. ^a e 2. ^a eds.)	A.F.P.B. 1926 (1. ^a e 2. ^a eds.)	A.F.P.B. 1931 (3. ^a ed.)	A.F.P.B. 1962 (4. ^a ed.)
Título: <i>O derradeiro fauno</i>	Título: <i>Andam Faunos pelos Bosques</i>	Idem	Idem
É constituída por IV capítulos:	É constituído por XI capítulos.	Idem	Idem
pp. 215-239 – cap. I	pp. 1-32 – idem	pp. 1-33 – idem	pp. 13-44 – idem
	pp. 33-65 – acrescenta um capítulo novo, identificado como II.	pp. 35-67 – idem	pp. 45-75 – idem

¹² Além das seis edições em livro, haveria também que considerar um excerto do último capítulo de *Andam Faunos pelos Bosques*, que a *Ilustração* reproduziu em primeira mão, a 16 de novembro de 1926 (poucas semanas antes de o livro vir a lume). Curiosamente, este excerto não coincide textualmente com o livro, devendo tratar-se de uma versão anterior à enviada para o prelo.

pp. 240-282 – cap. II	pp. 67-91 – cap. III	pp. 69-94 – idem	pp. 77-101 – idem
pp. 283-311 – cap. III.	pp. 93-120 – cap. IV	pp. 95-123 – idem	pp. 103-129 – idem
	pp. 121-154 – acrescenta um capítulo novo, identificado como V.	pp. 125-159 – idem	pp. 131-163 – idem
pp. 312-355 – cap. IV	pp. 155-181 – cap. VI	pp. 161-187 – idem	pp. 165-190 – idem
	pp. 183-222 – acrescenta um capítulo novo, identificado como VII.	pp. 189-229 – idem	pp. 191-229 – idem
	pp. 223-259 – acrescenta um capítulo novo, identificado como VIII.	pp. 231-267 – idem	pp. 231-265 – idem
	pp. 261- 282 – acrescenta um capítulo novo, identificado como IX.	pp. 269-291	pp. 267-287 – idem
	pp. 283-308 – acrescenta um capítulo novo, identificado como X.	pp. 293-318 – idem	pp. 289-313 – idem
	pp. 309-329 – acrescenta um capítulo novo, identificado como XI.	pp. 319-339 – idem	pp. 315-334 – idem

No cap. II descreve-se uma batida à serra, organizada por Pedro Jirigodes, com o objetivo de caçar o misterioso predador. O cap. V centra-se na relação clandestina entre padre Teodoro (que na novela se chamava Aurélio) e Leopoldina, terminando com uma gravidez arditosamente dissimulada em ataque do Papa-moças. Por sua vez, os caps. VII-XI dão depois continuidade à

ação (que em *Filhas de Babilónia* terminava com a morte acidental do louco Baltasar, enquanto protegia o ser inefável da mira de Jirigodes).

Assim, no cap. VII narra-se uma expedição a Rio Verde, liderada por P.^o Dâmaso (na novela, Jacinto), para prender a seita das *escolhidas*, que se amotinara no largo da igreja. Depois de um interrogatório policial ao tendeiro Cirilo, em Cabrazais de Baixo, o episódio encerra com a funesta partida de Jirigodes, entrando sozinho no nevão, para perseguir o fugitivo rancho da noiva desavinda.

Os caps. VIII e X relatam dois dias de sínodo diocesano na Sé de Viseu, com os eclesiásticos a discutirem a onda de assaltos cometida pelo predador sexual. Servem aí as longas intervenções de P.^o Januário, P.^o Dâmaso, P.^o Teodoro e P.^o Moura Seco, para dar aprofundamento teórico ao debate já esboçado no almoço de S. Sebastião (do cap. III), saindo triunfante a síntese humanística de P.^o Moura Seco, especialmente tolerante com a natureza do «homem que tende para o exercício das suas energias sensuais» (1926: 307).

Enquanto isso, o cap. IX é inteiramente dedicado à tensão interior em que se debate P.^o Dâmaso, na noite intercalar do sínodo e na manhã seguinte. Sinaliza essa passagem o início da conversão do austero Arcipreste a uma atitude mais tolerante com as fraquezas humanas e a «mecânica singela da vida» (1926: 273), que culminará, no último capítulo, num profundo abalo das suas convicções, causado pela fuga da irmã nos braços de um sedutor.

As páginas finais do romance resumem simbolicamente a tese que vinha sendo exposta ao longo dos dois livros aqui em análise: a apologia hedonista do *carpe diem* e da saciação dos instintos, conforme exposta no *Eclesiastes*:

É assim, neste estado de alma de um Dâmaso mais reconciliado com as coisas simples que a vida tem para nos oferecer e com os limites da natureza humana, que o livro termina reiterando esse pedido de ressonâncias tão evangélicas e tão humanas:

– *Dás-me água, Silvana?*

(Fernandes, 2013: 94).

Além de resultar num ampliamiento geral da ação, com aprofundamentos ao nível da análise psicológica, da observação de costumes e da sátira social ou religiosa, o acrescento dos novos capítulos trazia ainda outras consequências no plano textual. Entre estas, impunha-se a necessidade de proceder a uma reorganização interna da narrativa e ao conseqüente deslocamento de alguns episódios, a supressão de outros, o desenvolvimento de várias passagens e ainda a sua meticulosa reescrita:

F.B. 1920 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1926 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1931 (3.^a ed.)	A.F.P.B. 1962 (4.^a ed.)
pp. 225-226, “A rapariga arqueou os ombros, [...] já o quer que era largava.” – descrição do ataque, pela Micas Olaia.	pp. 7-8, “Arqueou a mocinha os ombros. [...] já o quer que era largava.” – reescreve e amplia esta passagem, para emprestar mais expressividade à descrição.	pp. 7-8 – idem	p. 19 – idem
p. 231, “Lá fora, [...] aulidos comentavam.” – descrição do tumulto que se gera à porta da igreja, após o primeiro ataque.	p. 11, “Fora, no largo [...] os aulidos assoberbavam-no.” – reescreve esta descrição, introduzindo uma primeira referência ao Cirilo tendeiro, que aqui recebe uma breve descrição.	p. 11 – idem	pp. 22-23 – idem
pp. 232-233, “O Zé da Venda [...] meu senhor?” – primeira referência a esta personagem, que recebe com incredulidade a alegada atribuição do ataque à figura do Diabo.	p. 12, “Incrédulo, [...] sempre por caçada.” – reescreve esta fala, que aparece precedida de mais uma breve descrição do Cirilo tendeiro, seguindo-se a réplica de Feliciano, que o acusa de ser maçónico.	p. 12 – idem	pp. 23-24 – idem
	p. 32, “À porta da capela, [...] escreve na areia!”	p. 32 – idem	p. 43 – idem

	– introduz nova caracterização de Cirilo, apresentando-o como homem sensato e loquaz.		
pp. 235-239, “Debandaram as últimas [...] mimoso da zagala.” – encerra o capítulo com a população em alarido, ouvindo o testemunho do louco Baltasar.	pp. 14-32, “Debandaram as últimas [...] mimoso da zagala.” – reescreve e amplia este longo bloco textual, substituindo a passagem relativa ao louco por um novo episódio. Em pleno tumulto popular, dá-se a chegada de uma rusga liderada pelos P. ^{es} Dâmaso e Teodoro, vindos de uma peregrinação à Senhora da Penha do Vouga. O grupo segue para casa de P. ^e Jesuíno, apresentando-se já aí a animosidade contra o Arcipreste, cuja austeridade moral contrastava com os seus pares. O acrescento deste episódio permite introduzir na ação várias personagens, só mais tarde aludidas na versão	pp. 14-33 – idem. Amplia contudo, no último parágrafo do capítulo, a descrição da restabelecida pacatez da aldeia.	pp. 25-44 – idem

	<p>anterior (P.^e Dâmaso, P.^e Teodoro, Leopoldina, Quaresma e Maria da Encarnação). A supressão do testemunho de Baltasar permite também caracterizá-lo com mais pormenor, acentuando o lado sibilino da sua loucura.</p>		
	<p>p. 61, “- ¡Ouvi, ouvi, [...] É o que é.” – reescreve e desloca para o novo cap. II o testemunho de Baltazar acerca do Papa-moças.</p>	<p>p. 63 – idem</p>	<p>p. 71 – idem</p>
<p>pp. 241-245, “Zagalas e vaqueiras, [...] vulgar dêste mundo.” – apresenta o estado alarmado das populações e refere as batidas organizadas pela serra, na tentativa infrutífera de capturar o predador.</p>	<p>p. 68, “Em algumas freguesias, [...] patriarcas, e confessores.” – mantém apenas um pequeno excerto da longa passagem, por já ter sido dado grande destaque a este enquadramento, no novo capítulo II.</p>	<p>p. 70 – idem</p>	<p>p. 78 – idem</p>
	<p>p. 80, “- Sabichões lá do cabo, [...] – Uma fibrinha...” – introduz diálogos circunstanciais, durante o almoço,</p>	<p>pp. 82-83 “- Sabichões lá do cabo, [...] – Uma fibrinha...” – expande ainda mais estes apartes sobre o repasto.</p>	<p>pp. 89-90 – idem</p>

	de modo a conferir maior vivacidade ao episódio.		
pp. 287-289, “Tinha para a moça [...] fragrantes virgindades.” – longa descrição dos defeitos de Jirigodes, aos olhos de Maria da Encarnação.	p. 96, “Tinha para a moça [...] fragrantes virgindades.” – condensa estas reservas em poucas linhas.	p. 98, “Tinha para a moça [...] deviam tornar-lho odioso.” – mantém a descrição condensada, reescrevendo-a.	pp. 105-106 – idem
pp. 299- 301, “Ao nascer do sol [...] só lhe dava enfado.” – referência ao desaparecimento de Maria da Encarnação e ao abandono da mãe parálitica.	pp. 102-119, “Ao chegar a casa, [...] algibeira de lástimas.” – reescreve e amplia este longo bloco textual, desenvolvendo a relação da jovem com a mãe. Explora depois, ao longo de várias páginas, a angústia e tensão psicológica da entrevada, cuja espera por resposta da filha surge perpassada por múltiplos devaneios, até culminar no completo desespero.	pp. 104-121 – idem. Ligeiros retoques, ao nível microtextual.	pp. 112-128 – idem
pp. 304-311, “Pedro Jirigodes desceu sobressaltado, [...] <i>silentio veneranda.</i> ” – termina o capítulo	p. 120 – elimina esta passagem, terminando o capítulo com o desaparecimento de Maria da Encarnação e o	p. 123 – idem	p. 129 – idem

<p>III com o regresso de Maria da Encarnação à aldeia e o anúncio da epifania, revelada pelo Anjo.</p>	<p>desespero da mãe entrevada.</p>		
	<p>pp. 121-130, “Saíu o senhor padre [...] Tenho que rezar as minhas orações.” – desloca para o início do capítulo IV os acontecimentos que se seguiram ao desaparecimento de Maria da Encarnação: o regresso transtornado, a patética pregação à porta da igreja e o imediato rompimento com o noivo. A estratégia narrativa usada é a narração de terceira pessoa, colocada na boca de Jirigodes, em conversa com P.^e Teodoro.</p>	<p>pp. 125-134 – idem</p>	<p>pp. 131-139 – idem</p>
	<p>p. 222, “E, dobrando-se sobre os paramentos, [...] esfloradas...” – descreve uma visão de P.^e Dâmaso, que durante a missa imagina o</p>	<p>pp. 228-229, “E, dobrando-se sobre os paramentos, [...] esfloradas...” – amplia esta descrição, conferindo-lhe maior plasticidade.</p>	<p>pp. 228-229 – idem</p>

	assassinato sangrento de M. ^a da Encarnação.		
	p. 308, “Dou todo o meu apoio à guerra contra Satanás.” – final da dissertação de P. ^o Moura Seco, durante o sínodo da Sé.	p. 318, “Quere a tradição poética, em que acredito piamente, que fôra o maior empenho na vida de Santo António. E, encarados os factos à luz de Deus, porque não?” – reescreve e amplia o final desta dissertação com uma síntese mais coerente.	p. 313 – idem

Não admira pois que este trabalho de refundição macrotextual acabasse necessariamente refletido também ao nível das unidades intermédias do texto, cujo apuramento estilístico (através do acrescento, supressão ou reescrita de frases específicas) permitia alcançar maior expressividade nas descrições e um reforço geral dos nexos argumentativos:

F.B. 1920 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1926 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1931 (3.^a ed.)	A.F.P.B. 1962 (4.^a ed.)
p. 313, “E, reconciliada com os espíritos a velha consciência, estugando o passo, meteu a direito pelos restolhais,”	p. 156, “E, reconfortado em sua consciência de cristão velho, estugando o passo, meteu a direito pelos restolhais,”	p. 162 – idem	p. 166 – idem
p. 346, “Os padres, os bispos, os papas estragaram a santa religião com castramentos e castidades.	p. 176, “Os padres, os bispos, os doutores estragaram a humanidade a poder de imposturas e	p. 182 – idem	p. 185 – idem

<p>Estragaram o género humano com uma mordança aos apetites do amor,”</p>	<p>convenções. Com a mordança às leis da vida tornaram o homem um estupor,”</p>		
<p>p. 218, “«Alto como a tôrre; anda que desaparece; com o lume dos olhos acende o lume do mato;” – descrição do predador, pela Micas Olaia.</p>	<p>p. 3, “«Tem vista de águia e não é águia; o ímpeto do leão e não é leão; o ardil da raposa e não é raposa; o entendimento do sábio e não é sábio;”</p>	<p>p. 3 – idem</p>	<p>p. 15 – idem</p>
<p>p. 234 “– Nem o demónio lhe ganha...” – descrição de Baltasar sobre o Papa-moças.</p>	<p>p. 13, “– Deus e o Diabo, quando êle aparece, escondem-se por detrás das paredes.”</p>	<p>p. 13 – idem</p>	<p>p. 25 – idem</p>
<p>p. 234, “a Ana Olaia, sôbre cujo busto o chaile traçava uma grossa cruz amarelenta, cara terrosa, sôbre o comprido, polvilhada de cabelos russos, amaldiçoava a sua cadela de sorte”</p>	<p>p. 13, “a Ana Olaia, rosto sôbre o comprido, terroso, polvilhado de cinza pelos cabelos ruços, mal trançados, seio de tábua em que o chaile sobrepunha uma larga e negra cruz, amaldiçoava a sua cadela de sorte”</p>	<p>p. 13 – idem</p>	<p>p. 25 – idem</p>
	<p>p. 149, “Uma cama branca, com colcha branca, emergiu da penumbra com o seu arzinho doce de calidez e de recato. Depois uma cabeça negra, desgrenhada,</p>	<p>p. 154, “Com o seu arzinho doce de calidez e de recato, emergiu uma cama branca da penumbra. Depois, negra e desgrenhada cabeça ressaltou da alvura dos</p>	<p>p. 158 – idem</p>

	ressaltou. Era Leopoldina.”	lençóis. Era Leopoldina.”	
p. 231, “Jesuíno saíu logo com elas direito à Igreja.”	p. 11 – “saíu Jesuíno logo após as criaturas, direito à capela, pois, embora a aldeia tivesse a honra de ser habitada pelo abade, era em Cabrazais de Cima a cabeça da freguesia.”	p. 11 – idem	p. 22 – “saiu Jesuíno logo após as criaturas, direito à capela, pois, embora a aldeia tivesse a honra de ser habitada pelo abade, era em Cabrazais de Cima a sede da freguesia.”
p. 294, “– ¡Os tempos são outros, alminha do Senhor! Os tempos são outros, e nós não somos os judeus. Nisto de... de copulação, eram raça pouco escrupulosa. Sara, mulher do grande Abraão, pintou o sete no Egipto.”	p. 99, “– ¡Os tempos são outros, e nós não somos os judeus. Nisto de... de contratos carnais, eram raça pouco escrupulosa. Sara, espôsa do grande Abraão, pintou o sete no Egipto.”	p. 102, “– ¡Os tempos são outros, e nós não somos os judeus. Nisto de... de contratos carnais, eram raça pouco escrupulosa. Sara, espôsa do grande Abraão, pintou o sete no Egipto, e ninguém lhe nega a palma de excelsa matrona, tetravó até de Jesus, Salvador do mundo.”	p. 109 – idem

Ao nível da superfície do texto, o aperfeiçoamento estilístico e formal prendia-se sobretudo com uma característica acribia do autor, sempre em busca da forma mais perfeita, da expressão mais vernácula, do vocabulário mais invulgar. Entre os procedimentos lexicais e sintáticos envolvidos, veja-se, por exemplo, a introdução de marcas oralizantes nos diálogos, o aperfeiçoamento de eufonias, o recurso a repetições enfáticas, a inversão na ordem dos elementos da frase ou ainda a substituição de nomes (incluindo nomes próprios), adjetivos, advérbios e verbos (em particular na passagem de discurso direto a indireto, da voz ativa à passiva e do sistema do *perfectum* para o *infectum*):

F.B. 1920 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1926 (1.^a e 2.^a eds.)	A.F.P.B. 1931 (3.^a ed.)	A.F.P.B. 1962 (4.^a ed.)
	p. 51 – “– Não sabemos.”	p. 53 – “– O Diabo o jure!”	p. 62 – idem
p. 224 – “– ¿Não sendo bicho bravo, que seria?”	p. 7 – “– ¿Agora não sendo bicho bravo, que seria?”	p. 7 – idem	p. 18 – idem
p. 342 – “que as trespassara na transfusão”	p. 174 – “que as varara na transfusão”	p. 180 – idem	p. 183 – idem
p. 323 – “Pedregulhal negralhento,”	p. 162 – “Penedal,”	p. 168 – idem	p. 171 – idem
p. 340 – “não temia nem tremia,”	p. 172 – “não temia nem devia,”	p. 178 – idem	p. 181 – idem
pp. 335-336 – “Ao pé dessas eternidades é sombra dum verme o pensamento mais alto.”	p. 170 – “Ao pé dessas eternidades é sombra, sombra dum verme o pensamento mais alto.”	p. 176 – idem	p. 179 – idem
	p. 238 – “Algumas há [...] Algumas, como o rouxinol,”	p. 246 – idem	p. 245 – “Algumas há [...] Certas, como o rouxinol,”
	p. 243 – “pular sátiros e sereias, [...] de suas tocas. – Alguns capítulos adiante”	p. 251 – “pular sátiros e sereias, [...] de suas tocas. – Pular sátiros e sereias... Alguns capítulos adiante”	p. 250 – idem
p. 216 – “e o Padre Jesuíno rosnou enfadado:”	p. 1 – “e enfadado rosnou:”	p. 1 – idem	p. 13 – idem
p. 216 – “O abade abriu muito os olhos”	p. 2 – “Abriu muito os olhos o abade”	p. 2 – idem	p. 14 – idem
p. 322 – “O doido atrás de Jirigodes esbofava.”	p. 161 – “Atrás de Jirigodes o doido esbofava.”	p. 167 – idem	p. 171 – idem
p. 218 – “Feliciano”	p. 3 – “invocou Feliciano”	p. 3 – idem	p. 15 – idem

invocou”			
	p. 231 – “lembrava o burgo, vertida para um céu meridional, a cidade santa dos lamas”	p. 241 – “lembrava o burgo a cidade santa dos lamas, vertida para céu meridional”	p. 240 – idem
	p. 235 – “um amen sonoro”	p. 243 – “sonoro amen”	p. 242 – idem
	p. 313 – “No ciclo sem fim das coisas, apontava no horizonte a era pagã, a era do instinto”	p. 323 – “Repontava no horizonte, no ciclo sem fim das coisas, a era pagã, a era do instinto”	p. 318 – idem
p. 354 – “Joaninha da Fonte”	p. 181 – “Chica do Forno”	p. 187 – idem	p. 189 – idem
p. 341 – “A Joaninha do Aires”	p. 173 – “A Júlia do Gomes”	p. 179 – idem	p. 182 – idem
p. 232 – “O Zé da Venda”	p. 12 – “o Cirilo”	p. 12 – idem	p. 23 – idem
p. 251 – “Até o pedreiro-livre do Queiroz”	p. 71 – “Até o pedreiro-livre do Rabecas”	pp. 73-74 – idem	p. 81 – idem
p. 253 – “Padre Aurélio [...] abade em Moimenta”	p. 73 – “padre Teodoro [...] abade em Roufins”	p. 75 – idem	p. 83 – idem
p. 254 – “Padre Jacinto”	p. 74 – “Padre Dâmaso, arcebispo de Rio Verde”	p. 76 – idem	p. 83 – idem
	p. 236 – “Era uma luneta com aro de prata”	p. 244 – “Era um traste com aro de prata”	p. 243 – idem
p. 348 – “de profeta”	p. 177 – “dum áugure”	p. 183 – idem	p. 186 – idem
	p. 327 – “as forças conscientes, de formação”	p. 327 – “as forças conscientes de reforma”	p. 332 – “as forças conscientes do entendimento”
	p. 270 –	p. 279 –	p. 276 – idem

	“embaixadora!”	“embaixatriz!”	
p. 343 – “sua natureza divina”	p. 174 – “sua natureza demiúrgica”	p. 180 – idem	p. 183 – idem
p. 287 – “o tom das virgens embalsamadas”	p. 95 – “o tom lívido das virgens embalsamadas”	p. 98 – idem	p. 105 – idem
p. 258 – “Jesus, espôso amantíssimo, que ali estava em effígie, parecer delicado, túnica vermelha com banda azul e mosqueamentos de oiro, e prometia às eleitas gozos infindos”	p. 94 – “Jesus, espôso dulcíssimo, que ali estava no altar, de rostinho amoroso, túnica vermelha com banda azul, mosqueada de oiro, a prometer-lhe gozos infindos”	p. 96 – idem	p. 104 – idem
p. 241 – “o monstro, tão misterioso como contumaz”	p. 68 – “o monstro, tão enigmático como libertino”	p. 70 – idem	p. 78 – idem
p. 269 – “passaram-se cousas do arco da velha”	p. 84 – “passaram-se coisas abracadabrantés”	p. 86 – idem	pp. 93-94 – idem
	p. 213 – “das chamadas ideas avançadas”	p. 219 – idem	p. 220 – “das chamadas ideias de liberdade”
	p. 133 – “se gloriava beatamente o Quaresma”	p. 137 – “se gloriava babosamente o Quaresma	p. 142 – idem
	p. 220 – “andam à caça”	p. 227 – idem	p. 227 – “andam à procura”
	p. 65 – “destroçaram, aos bandos e pares, as cem aldeias amorosas”	p. 67 – idem	p. 75 – “destroçaram os bandos e pares amorosos de cem aldeias”
	p. 276 – “Porque me abandonaste?”	p. 284 – “porque me desamparastes”	p. 281 – idem

	p. 219 – “disse”	p. 226 – “proferiu”	p. 226 – idem
	p. 193 – “socorrer”	p. 198 – “salvar”	p. 200 – idem
p. 259 – “A fera violou [...] uma moça”	p. 77 – “A fera abocanhou [...] uma moça”	p. 79 – idem	p. 86 – idem
	p. 52 – “Tornara Jirigodes”	p. 54 – “Volvera Jirigodes”	p. 63 – idem
p. 263 – “Nego – confessou o Padre Jacinto”	p. 79 – “Nego – confessou o padre Dâmaso”	p. 82 – idem	p. 89 – “Nego – respondeu o padre Dâmaso”
	p. 194 – “Saibam, toquei os sinos, porque à vossa porta está um flagelo [...]. Esses homens e mulheres que aí estão, são autênticos”	p. 200 – idem	p. 201-202 – “Soubessem, tocara os sinos, porque à porta deles estava um flagelo [...]. Esses homens e mulheres que ali estavam eram autênticos”
p. 223 – “eu não via rebanhos”	p. 6 – “não se viam rebanhos”	p. 6 – idem	p. 18 – idem
p. 219 – “os arquejos da desflorada soaram alto”	p. 4 – “soavam alto os arquejos da rapariguita”	p. 4 – idem	p. 16 – idem
	p. 244 – “alguma Enciclopédia do século XVII”	p. 252 – “alguma Enciclopédia do século XVI”	p. 251 – idem
p. 219 – “pela casa dentro, despediu”	p. 3 – “pelo sobrado fora, despediu”	p. 3 – idem	p. 15 – idem
p. 215 – “Manhã”	p. 1 – “Tarde”	p. 1 – idem	p. 13 – idem
p. 217 – dez horas”	p. 2 – “duas horas”	p. 2 – idem	p. 14 – idem
p. 219 – “tinha uma certidão de óbito a passar”	p. 4 – “tinha um assento de baptismo a lavar”	p. 4 – idem	p. 16 – idem
p. 281 – “membrum virile semper in libidinem pronum”	p. 91 – “naturalia semper in libidinem prona”	p. 94 – idem	p. 101 – idem

p. 279 – “eu acredito tanto nos Bolandistas como em minha Avó Torta!”	p. 90 – idem	p. 93 – “eu acredito tanto nos Bolandistas como no cavalo de Tróia!”	p. 99 – idem
p. 258 – “se sentia [...] como levada num borborinho”	p. 76 – “se sentia [...] como levada num furacão”	p. 78 – “se sentia [...] como num estojo”	p. 86 – idem
p. 333 – “num vendaval de fogo”	p. 168 – “num fervedeiro de lume”	p. 174 – idem	p. 177 – idem
p. 218 – “bicho mau que lambe a donzelia às môças enquanto um cristão reza o credo”	p. 3 – idem	p. 3 – idem	p. 15 – “Bicho mau que lambe a donzelia às môças enquanto um cristão faz o sinal-da-cruz”
	p. 53 – “vegetais, mordidos pelo sol, em seus sedimentos invisíveis a recozer”	p. 56 – “vegetais, frigididos em seus sedimentos pela calma brava”	p. 64 – idem
p. 215 – “a arrotar ao lombo”	p. 1 – idem	p. 1 – “o estômago bem lastrado com lombo”	p. 13 – idem
p. 322 – “Sentia-se que o outono começara a tecer sôbre escura lançaria seu catafalco de brocados”	p. 161 – “Sentia-se o outono a entretecer os primeiros crepes no catafalco de brocados que era a terra”	p. 167 – idem	p. 171 – idem

Não podendo ser exaustivo, o cotejo apresentado neste artigo será, ainda assim, suficientemente abrangente, para demonstrar os pontos essenciais de um itinerário de reescrita aquiliana, periodicamente submetido aos prelos, ao longo de várias décadas.

A análise das numerosas edições autorais de *Filhas de Babilónia e Andam Faunos pelos Bosques* permite-nos enfim concluir que a *variação* é talvez a característica mais profundamente intrínseca em Aquilino Ribeiro; autor aliás que o próprio Jacinto do Prado Coelho distinguia num conhecido ensaio sobre

«Variantes e variações», por ser «espantosamente fecundo quer pelo número de livros quer pelo desvelo com que os refundiu para cada nova edição» (Coelho, 1976: 27).

Também por isto se justificava talvez uma edição crítico-genética das suas obras. Façamos votos para que um dia se concretize.

Bibliografia

Ativa

RIBEIRO, Aquilino – Caderno dum libertino. *Atlantida: Mensario Artístico, Literário e Social para Portugal e Brazil* (dir. João do Rio e João de Barros). Lisboa: Imprensa Libanio da Silva. Ano II, vol. IV, n.º 14 (15-XII-1916), pp. 129-138.

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1920. (1.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1920. (2.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1925. (3.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925. (4.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925. (5.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925. (6.ª ed.)

_____ – *Filhas de Babilónia: Novelas*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1959. (7.ª ed.; col. “Obras Completas de Aquilino Ribeiro”)

_____ – *Os Olhos Deslumbrados*. Lisboa: [s.n.], 1955. (Brinde de natal do *Diário de Notícias*, distribuído com o n.º 11.873, de 24-XII-1955).

_____ – Andam Faunos pelos Bosques. *Ilustração*. Ano I, n.º 22 (16-XI-1926), Lisboa: [s.n.], pp. 25-26.

_____ – *Andam Faunos pelos Bosques: Romance*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1926. (1.ª ed.)

_____ – *Andam Faunos pelos Bosques: Romance*. Paris-Lisboa: Livraria Aillaud-Livraria Bertrand, 1926. (2.^a ed.)

_____ – *Andam Faunos pelos Bosques: Romance*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1931. (3.^a ed.)

_____ – *Andam Faunos pelos Bosques: Romance*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1962. (4.^a ed.; col. “Obras Completas de Aquilino Ribeiro”)

_____ – *Abóboras no Telhado (Polémica e Crítica)*. Lisboa: Livraria Bertrand, [1955].

_____ – *Jardim das Tormentas: Contos*. (pref. Carlos Malheiro Dias; il. Luís Filipe de Abreu). Lisboa: Bertrand, 1961. (5.^a ed.; col. “Obras Completas de Aquilino Ribeiro”)

Passiva

AMEAL, João – A entrevista da semana: Aquilino Ribeiro. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: [s.n.]. Série II, n.º 826 (17-XII-1921), pp. 473-475.

BELLEMIN-NÖEL, Jean – *Le Texte et l’Avant-Texte*. Paris: Larousse, 1972.

BIASI, Pierre-Marc de – What is a Literary Draft? Toward a Functional Typology of Genetic Documentation. *Yale French Studies*. N.º 89: *Drafts* (ed. Michel Contat, Denis Hollier, Jacques Neefs). Yale: Yale University Press, 1996, pp. 26-58.
Em linha: <<http://www.item.ens.fr/index.php?id=13599>> [setembro de 2014]

CASTRO, Ivo – Introdução. In BRANCO, Camilo Castelo – *Amor de Perdição* (edição genética e crítica de Ivo Castro). Lisboa: IN-CM, 2007, pp. 9-121.

COELHO, Jacinto do Prado – *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, 1976, «Variantes e variações», pp. 15-44.

DEDNER, Burghard – Highlighting Variants in Literary Editions: Techniques and Goals. *Variants: The Journal of the European Society for Textual Scholarship*. N.º 5: *Texts in Multiple Versions* (ed. Luigi Giuliani, Herman Brinkman, Geert Lernout, Marita Mathijssen). Amsterdam – New York: Editions Rodopi, 2006, pp. 16-31.

DIONÍSIO, João – Memória descritiva. *Colóquio / Letras* (dir. Nuno Júdice). Lisboa: FCG. 177 (2011), pp. 200-204.

FERNANDES, António A. – ‘Andam Faunos pelos Bosques’: a fonte primeva. *Cadernos Aquilinianos* (dir. Jerónimo Costa). Viseu: Centro de Estudos Aquilino Ribeiro. Série 3.^a, 20 (2013), pp. 81-94.

REYNAUD, Maria João – *Metamorfoses da Escrita: Húmus, de Raul Brandão*. Porto: Campo das Letras, 2000.

SHILLINGSBURG, Peter L. – *Resisting Texts: Authority and Submission in Constructions of Meaning*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

_____ – *Scholarly Editing in the Computer Age: Theory and Practice*. 2.^a ed. Michigan: University of Michigan Press, 2004.

ZELLER, Hans – A New Approach to the Critical Constitution of Literary Texts. *Studies in Bibliography* (ed. Fredson Bowers). Charlottesville: University Press of Virginia. Vol. 28 (1975), pp. 231-264.

Em linha: <<http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/toccer-sb?id=sibv028&images=bsuva/sb/images&data=/texts/english/bibliog/SB&tag=public&part=9&division=div>> [setembro de 2014]